

"C O M O   E N G A N A R   U M   M A R I D O"

(George Dandin ou Le Mari Confondu)



(Tradução de CLAUDIO HEEMANN)

-----

Representada pela primeira vez perante o Rei no dia 18 de julho de 1668 em Versalhes, e depois dada ao público em Paris, no teatro do Palais Royal, a 19 de novembro do mesmo ano de 1668 pela troupe do Rei.

-----

George Dandin, rico camponês marido de Angélica.  
Angélica, mulher de George Dandin e filhada Senhor de Villatola.  
Senhor de Villatola, gentilhomen de província, pai de Angélica.  
Senhora de Villatola, sua mulher.  
Clitandro, nobre galã de Angélica.  
Clodina, acompanhante de Angélica.  
Lubin, campônio, criado de Clitandro.  
Colin, criado de George Dandin.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

são os personagens.

-----

C E N A I

**PROIBIDO**  
ATE  
**— 16 ANOS —**

DANDIN - Sr. e Sra. Villatola, Angélica, Godina, Lubin e Colin.

Sr. De Villatola - Meu genro, de joelhos.

DANDIN - De joelhos?

Sr. De Villatola.- Sim de joelhos e sem demora.

DANDIN(põe-se de joelhos) - Céus que deverei dizer?

VILLATOLA - Senhora, rogo que me perdoe

DANDIN - Senhora, rogo que me perdoe

VILLATOLA - O absurdo cometido.

DANDIN - O absurdo cometido

VILLATOLA - Pois prometo comportamento melhor no futuro

DANDIN - Pois prometo comportamento melhor no futuro.

VILLATOLA - Muito bem. Voltai para casa e procurai agir direito.  
Adeus.

Vamos querida. (Saem todos)

DANDIN (só) - Ah que uma espôsa de origem nobre é um estranho assunto e que meu casamento é uma lição bem eloquente a todos os camponêses que desejam se colocar acima de sua condição e se unir, como eu fiz, à família de um gentilhomem! A nobreza em si é boa; é sem dúvida uma coisa considerável. Mas vem acompanhada de tantas circunstâncias mas que é muito melhor não ter nenhuma relação com ela. Aprendi a minha custa e conheço agora o estilo dos nobres quando nos deixam entrar para suas famílias. A aliança que êles fazem com nossa pessoa é pequena; casam-se apenas com nosso dinheiro. Eu teria feito bem melhor; rico como sou, se me tivesse unido com alguma boa e franca camponêsa, do que ter tomado por esposa uma mulher que se coloca acima de mim, se ofende por usar meu nome, e pensa que com tôda a minha fortuna não comprei o suficiente para ter a honra de ser seu marido. George Dandin, George Dandin, voce cometeu uma loucura, a maior do mundo! Agora, minha própria casa é insuportável para mim e não há vez que entro lá sem encontrar algum desgosto.





PROIBIDO

ATÉ Fls. 2

— 16 ANOS —

C E N A II

DANDIN (vendo Lubin sair de sua casa) Mas que diabo foi fazer em minha casa esse sujeito?

LUBIN - Eis um homem que me observa.

DANDIN - E não me conhece.

LUBIN - Acho que êle desconfia de alguma coisa.

DANDIN - Ué! Nem cumprimenta a gente.

LUBIN - Espero que não vá dizer que me viu sair lá de dentro.

DANDIN - Bons dias.

LUBIN - Um criado às ordens.

DANDIN - Não sois desta vila, que eu saiba.

LUBIN - Não, vim apenas para a feira de amanhã.

DANDIN - Ah sim? Mas então dizci-me, se não for incômodo, como é que estais saindo daquela casa?

LUBIN - Pssst!

DANDIN - Como?

LUBIN - Silêncio!

DANDIN - Mas o que?

LUBIN - Bico calado! Não deveis dizer que me vistes sair de lá.

DANDIN - Porque?

LUBIN - Deus meu! Porque não!

DANDIN - Mas outra vez...

LUBIN - Cuidado! Tenho medo que nos escutem.

DANDIN - Não, de maneira alguma.

LUBIN - É que acabo de falar com a dona daquela moradia em nome de um certo cavalheiro que lhe faz a côrte e é preciso ficar tudo em segredo. Estais compreendendo?

DANDIN - Perfeitamente.

LUBIN - Eis a razão! Recomendaram-me tomar cuidado para que ninguém me surpreendesse por isso peço-vos não dizer para ninguém que me vistes.

DANDIN - Terei cuidado.

LUBIN - Fui muito esperto em fazer tudo secretamente, como me recomendaram.





- DANDIN - Se foi.
- LUBIN - O marido, pelo que dizem, é um ciumento que não permite que se faça a côrte à mulher. Armaria o diabo se a coisa chegasse a seus ouvidos;
- LUBIN - Estais entendendo?
- DANDIN - Demais.
- LUBIN - É preciso que êle não venha a saber coisa alguma.
- DANDIN - Sem dúvida.
- LUBIN - Pretendemos enganá-lo na surdina, estais compreendendo?
- DANDIN - Con tôda a clareza.
- LUBIN - Se disserdes que me vistes sair da casa dêle deitaría - mos tudo a perder, não é?
- DANDIN - Certamente. Mas como é mesmo que se chama o sr. que enviou até aqui?
- LUBIN - Ah é um nobre da região, visconde de qualquer coisa! Bah... não me lembro nunca de como pronunciar aquele maldito - nome... Cli... Clitandro...
- DANDIN - Ah o jovem cortesão que mora...
- LUBIN - Sim, perto daquelas árvores.
- DANDIN - (à parte) É porisso que desde algum tempo êste galanteador arrumado veio se instalar perto da minha casa! Meu faro é realmente bom; essa proximidade já me havia dado algumas desconfianças.
- LUBIN - Por Deus! É o homem mais correto que já se viu. Imagine que me deu três peças de ouro para simplesmente ir dizer à dama em questão que está apaixonado por ela e que muito aspira à honra de falar-lhe. Veja se há nêste recado algum esforço especial que justificasse pagar-me tanto! E para realizar esta operação gastei menos de um dia de trabalho nos quais geralmente não ganho mais do que dois vinténs.
- DANDIN - Pois é. E a mensagem foi entregue?
- LUBIN - Sim, encontrei em casa uma certa Clodina que logo compreendeu o que eu desejava e me deixou falar com a patrão.
- DANDIN - (à parte) Ah criada senvergonha!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





- LUBIN - Clodine é bonita, conquistou minhas simpatias e agora depende apenas dela que nos venhamos ou não a casar um com o outro.
- DANDIN - Mas que espécie de resposta enviou a patrãoa ao senhor Cortesão?
- LUBIN - Ela me disse para dizer...espere aí um momento...não sei se me lembro bem de tudo. Ah, que ela encontra-se agradecida pela afeição que êle tem por ela e que por causa do marido, que é um ser fantástico, êle deve cuidar para que nada transpareça e procurar algum expediente que possibilite um encontro entre os dois.
- DANDIN - (à parte) Ah velhaca, ! Devassa!
- LUBIN - Ah vai ser engraçado. O marido não suspeita da trama e seu carater ciumento ficará bem punido não é?
- DANDIN - Isso é verdade.
- LUBIN - Bem, adeus. Boca fechada. Guardai bem o segredo afim de que o marido não descubra coisa alguma.
- DANDIN - Sim, sim.
- LUBIN - De minha parte vou fingir não ter nenhum conhecimento do assunto. Sou espertalhão refinado, não será por minha causa que o plano há de sofrer algum transtôrno. (sai).

C E N A I I I

- DANDIN - (só) Aí está George Dandin. Bem vêes como tua mulher proce de contigo. Eis no que resulta ter desejado casar com uma aristocrata! És enfeitado com todo estilo sem que possas te vingar! E a tal nobreza deixa teus braços amarrados. A igualdade de condição ao menos permite à honra do marido extravasar o ressentimento. Se ela fôsse uma camponêsa, terias agora tôda a liberdade para fazer justiça com uns - bons golpes de bengala. Mas não, quizestes experimentar a alta sociedade, estavas cansado de ser senhor de tua própria casa. Ah que raiva! De todo coração me daria umas belas bofetadas. Como? Escutar despudoradamente declarações amorosas de um peralvilho e prometer reciprocidade! Deus meu! Não posso de maneira alguma deixar passar uma situação desta espécie. Vou fazer minhas queixas ao pai e à mãe dela; lhes renderei testemunho afim de que os fatos - se restabeleçam e êles conheçam os motivos de ressentimento e desgosto que sua filha me dá. Mas ei-los que justamente chegam a propósito.
- . . .



C E N A I V

- SR.DE VILLATOLA - (Entrando com Sra. de Villatola) O que há meu genro? Pareceis todo agitado.
- DANDIN - Tenho bastante motivo para isso pois...
- SRA.DE V.- Meu Deus nosso genro, que falta de civilidade! Não possuís o hábito de saudar as pessoas quando vos aproximais delas?
- DANDIN - Por minha fé! Minha sogra, é que tenho outras coisas na cabeça e...
- SRA.DE V.- Ainda! Mas será possível, nosso genro, que não exista modo de vos instruir sobre a maneira de viver entre pessoas de qualidade?
- DANDIN - Como?
- SRA.DE V.- Não deveis jamais vos dirigir a mim com a familiaridade desta expressão "minha sogra". Quando vos acostumareis a tratar-me de "senhora"?
- DANDIN - Mas se vós me chamais de vosso genro porque não posso chamá-la de "minha sogra"?
- SRA.DE V.- Sobre este ponto há muito a esclarecer; as posições são diferentes. Não é bem a mesma coisa. Aprendei, por favor, que a vós não é permitido vos servir de tais palavras ao dirigir-se a uma pessoa da minha condição, e que apesar de serdes nosso genro, existe grande diferença entre nós. Não deveis esquecer vossa origem.
- SR.DE V. - Basta minha cara, deixemos isso.
- SRA.DE V.- Por Deus, Sr. de Villatola! Tendes tais indulgências com certas pessoas que terminais sempre por não recebero tratamento que vos é devido.
- SR. DE V. - Perdoai-me mas neste ponto ninguém pode pretender dar-me lições. Elevei-me na vida graças a ações vigorosas e não sou homem de ceder uma parte sequer de minhas pretensões. Neste caso porém, uma pequena advertência é o bastante para êle. Vamos, meu genro, queremos saber o que tendes no espírito.
- DANDIN - Bem, já que é preciso falar categoricamente, direi Sr.de Villatola que eu...
- SR.DE V. - Um momento, meu genro. Compreendei que não é respeitoso chamar as pessoas pelo nome e que aos que estão acima de nós devemos tratar de "Senhor" simplesmente.
- . . .





- DANDIN - Muito bem, senhor simplesmente e não mais senhor de Villatola, tenho a dizer-vos que minha mulher me dá...
- SR.DE V. - Perfeito! Mas ficai também sabedor de que não deveis dizer "minha mulher" quando falais de nossa filha.
- DANDIN - Que fúria! Como? Minha mulher não é minha mulher?
- SRA.DE V.- Sim, nosso genro, ela é vossa mulher; mas não é permitido chamá-la assim. Tal tratamento seria possível se tivésseis desposado uma qualquer.
- DANDIN - Ah George Dandin, onde te foste meter? Por misericórdia, colocai por um momento vossa nobreza de lado e permiti que vos fale como posso. Para o inferno com a tirania de tôdas estas histórias. Digo-vos enfim, que estou descontente com meu casamento.
- SR.DE V. - E qual a razão meu genro?
- SRA.DE V.- Que? falar assim de algo que vos trouxe grandes vantagens?
- DANDIN - E que vantagens, Senhora, já que as menciona? A aventura não foi tão má assim para vós, pois sem mim vossos negócios, com vossa permissão, estavam bastante deteriorados, e meu dinheiro serviu para rebocar muitos buracos grandes; mas eu, que proveito tirei, pergunto-vos sinão um alongamento do nome que em vez de George Dandin, passou, graças a vós, a ostentar o título de marido da fidalga?
- SR.DE V. - Não dais nenhum valor, meu genro, à vantagem de estar ligado à casa de Villatola?
- SRA.DE V.- E também à de Pundonor, da qual tenho a honra de ser egressa? Família onde, por um privilégio especial, as senhoras que casam com plebeus podem transmitir aos filhos um título de nobreza?
- DANDIN - Ah sim, mas como é bom! Meus filhos serão nobres. No entanto, se alguma providência não for tomada, eu, serei, cormudo!
- SR.DE V. - Que quer dizer isso, sr. meu genro?
- DANDIN - Isso quer dizer que vossa filha não vive como é preciso que uma esposa viva e que faz coisas que são contra a honra.
- SRA.DE V.- Um momento! Cuidado com o que dizeis! Minha filha descende de uma estirpe demasiado virtuosa para fazer alguma coisa na qual sua reputação possa ser prejudicada. E na casa dos Pundonor, há mais de trezentos anos que, graças a Deus, não se nota, ter hayido alguma mulher que pudesse ser alvo de comentários.
- . . .



- SR.DE V. - E na casa de Villatola nunca se viu uma leviana. Depois, a bravura não é mais hereditária nos homens que a castidade nas mulheres.
- SRA.DE V.- Tivemos uma Jacqueline de Fundonor que se recusou ser amante de um duque, Par da França, governador de nossa Província.
- SR.DE V. - Houve certa maturine de Villatola que recusou vinte mil escudos dum favorito do Rei que não lhe pedia sinão o favor de trocar duas palavras.
- DANDIN - Pois bem; vossa filha não se dá tanta importância assim. Desde que casou comigo parece ter ficado bem menos exigente.
- SR.DE V.- Explicai-vos meu genro. Não somos pessoas feitas para tolerar más ações em nossa filha. Seremos os primeiros, sua mãe e eu, a vos fazer justiça.
- SRA.DE V.- Não brincamos com assuntos de honra e a educamos dentro da maior severidade possível.
- DANDIN - Tudo que posso dizer é que há por aqui um certo cortesão, que vós conheceis, que está apaixonado por ela e que, sob minhas barbas, lhe endereçou protestos de amor aos quais - ela muito humanamente deu ouvidos.
- SRA.DE V.- Dia de Deus! Eu a estrangularei com minhas próprias mãos se acontecer que ela se distancie da honradez de sua mãe.
- SR.DE V.- E eu a passarei a fio de espada, a ela e ao galã, se houve falta contra a honra.
- DANDIN - Conteí o que se passa para poder apresentar minhas queixas e pedir justiça para o caso.
- SR.DE V.- Não vos atormenteis mais; serei justo com os dois; sei usar rédeas curtas não importa a qual doer. Mas dizei-me estais bem certo do que nos acabais de relatar?
- DANDIN - Muito certo.
- SR.DE V.- É preciso certa prudência porque entre cavalheiros tais assuntos são delicados e não se deve assumir alguma atitude impensada.
- DANDIN - Digo-vos que não vos disse nada que não fosse verdadeiro.
- SR.DE V.- Minha querida, vá falar com nossa filha enquanto eu, com meu genro, irei procurar o homem.
- SRA.DE V.- Será possível que ela esqueceu sua condição, mesmo depois do bom exemplo que, bem sabeis, lhe dei?



SR.DE V. - Iremos esclarecer o assunto. (ela sai) Vinde, meu genro, e basta de preocupações. Vereis com que armas ataco aos que pretendem tomar o que é nosso.

DANDIN - Aí vem êle em nossa direção.

C E N A V

SR.DE VILLATOLA, DANDIN, CLITANDRO.

SR.DE V;- Cavalheiro, vós me conheceis?

CLITANDRO- Não que eu saiba, senhor.

SR.DE V.- Chamo-me Barão de Villatola.

CLITANDRO- Alegra-me imenso.

SR.DE V. - Meu nome é conhecido na côrte e tive a honra, em minha juventude, de servir ao Rei, por convocação, em Nancy.

CLITANDRO- Ainda bem

SR.DE V. - Cavalheiro, meu pai, Jean Gilles de Villatola, teve a glória de assistir, em pessoa, ao cêrco que Luis XIII desfechou contra os calvinistas.

CLITANDRO- Folgo em sabê-lo.

SR.DE V. - Possui um antepassado, Bertrand De Villatola, que foi tão considerado em seu tempo a ponto de obter permissão para vender todos seus bens e seguir um príncipe nas cruzadas.

CLITANDRO- Não duvido.

SR.DE V. - Pois me foi relatado senhor que amais e perseguís uma jovem pessoa, que é minha filha, e pela qual me interesso, assim como se interessa o homem que vedes a meu lado e que tem a honra de ser meu genro.

CLITANDRO- Quem, eu? Como? Persigo uma jovem?

SR.DE V. - Sim e aproveito esta oportunidade para obter de vós, se vos aprouver, um esclarecimento sôbre o assunto.

CLITANDRO- Mas que estranha maledicência! Quem vos contou tal coisa, senhor?

SR.DE V. - Alguém que acredita saber tudo.

CLITANDRO- Pois êste alguém mentiu. Sou um homem de bem. Me acreditaís capaz sr. duma ação tão covarde como esta? Eu, amar uma jovem e bela criatura que possui a honra de ser filha do Sr. Barão de Villatola? Admiro-vos demais para praticar tal ato e sou creia-me, um criado vosso. Quem quer que seja que vos contou essa história é um tolo.



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SR.DE V. - Então meu genro.

DANDIN - Que?

CLITANDRO - É um oretino é um maroto.

SR.DE V. - Respondei.

DANDIN - Respondei vós mesmo.

CLITANDRO - Se soubesse quem foi, lhe atravessaria o ventre com a espada, em sua presença.

SR.DE V. - Vamos, sustentai a história.

DANDIN - O que disse está mais do que sustentado; é a verdade.

CLITANDRO - Foi vosso genro, senhor, quem...?

SR.DE V. - Foi êle mesmo quem se queixou a mim.

CLITANDRO - Sem dúvida êle deve ser grato ao privilégio de pertencer à vossa família o fato de eu não querer dar-lhe uma lição por fazer semelhantes declarações sôbre alguém como eu.

C E N A V I

Entram: SRA. DE VILLATOLA, ANGÉLICA, CLODINA, SR. DE VILLATOLA, CLITANDRO, DANDIN - permanecem.

SRA.DE V. - Como é estranho o ciume! Trago aqui minha filha para esclarecer o assunto na presença de todos.

CLITANDRO - Sois então vós senhora, quem foi dizer a vosso marido estar eu apaixonado por vossa pessoa?

ANGÉLICA - Eu? Mas como o diria? Acaso é verdadeiro? Gostaria bem de verificar se em verdade estais apaixonado por mim. Começai o jôgo peço-vos, encontrareis resposta pronta. É o que vos aconselho fazer. Experimentai para me falar de amor os recursos habituais dos amorosos; tentai enviar recados, marcar encontros, escrever cartinhas doces, aproveitar a hora, em que meu marido não está em casa, os momentos em que saio a passeio! Só vos falta aparecer; prometo que sereis recebido de maneira certa.

CLITANDRO - Calma sra., devagar! Não é necessário dar tantas lições nem tanto escândalo! Quem disse que sonho com vosso amor?

ANGÉLICA - Sei apenas o que me vieram contar.

CLITANDRO - Ora! Conta-se o que se quer contar. Sabeis perfeitamente se falei de amor quando nos conhecemos.



- ANGÉLICA - Só faltaria fazê-lo terieis sido bem recebido.
- CLITANDRO - Asseguro que comigo nada tendes a temer; não sou homem de provocar tristezas em mulheres belas; e depois, reg peito em demasia a vós e vossos pais para poder pensar em amor.
- SRA.DE V. - Muito bem. Aí está.
- SR.DE V. - Satisfações foram dadas, meu genro. O que tem a dizer?
- DANDIN - Digo que são histórias para adormecer crianças. Bem sei o que sei. E há pouco tempo, já que é preciso falar, ela recebeu uma embaixada da parte dêle.
- ANGÉLICA - Eu recebi uma embaixada?
- CLITANDRO - Eu enviei uma embaixada?
- ANGÉLICA - Clodina!
- CLITANDRO - É verdade?
- CLODINA - Por minha fé, eis uma estranha falsidade.
- DANDIN - Cala a bôca, conheço tuas manhas. Fôste tu quem, há bem pouco tempo, introduziu o mensageiro.
- CLODINA - Quem eu?
- DANDIN - Sim tu; não te faças de inocente.
- CLODINA - Céus como o mundo de hoje está cheio de maldade! Suspeitar de mim desta maneira! De mim, que sou a própria ino cência.
- DANDIN - Fica quieta, boa bisca. Fazendo a dissimulada, ein? Mas te conheço há muito tempo e não passas de uma sem vergo nha.
- CLODINA - Senhora, posso...
- DANDIN - Cala-te já disse. Vais pagar caro o atrevimento já que tu não tens pais nobres...
- ANGÉLICA - É uma impostura tão grande e me fore tanto o coração - que não encontro fôrças para responder. É horrível ser acusada pelo marido quando não se fez sinão aquilo que-êle merece. Se sou culpada de alguma coisa é de ter si do demasiado bondosa com êle.
- CLODINA - Sem dúvida alguma.





- ANGELICA - Tôda minha infelicidade resulta de excesso de consideração. Quisera Deus que eu fôsse capaz de receber, como - êle diz, os galanteios de alguém; não teria tanto a lamentar. Adeus; retiro-me. Não posso mais permitir que - me insultem desta maneira(sai).
- SRA.DE V. - Não mereccis a honesta esposa que vos foi confiada.
- CLODINA - Êle está precisando que ela faça com que suas acusações virom verdade. Ah, se estivesse eu no lugar de minha pã trôa não hesitaria nem um pouco...Sim, o Sr. Clitandro deveria, para puní-lo, namorar a senhora. Insista sr. , sou eu quem peço, será bem feito e me ofereço logo para ajudá-lo, já que fui acusada disso.
- SR.DE V. - Mereccis meu genro, que vos digam coisas semelhantes ; vosso procedimento coloca todo mundo contra vós.
- SRA.DE V. - Vamos procurai tratar melhor uma jovem bem nascida e cuidai para daqui por diante não cometer mais semelhantes inadvertências.
- DANDIN - Enlouqueço de ódio; perder quando tinha razão!
- CLITANDRO - Senhor; acabais de ver como fui falsamente acusado;sois conhecedor dos mandamentos da honra, peço pois satisfações da afronta que me foi feita.
- SR.DE V. - O que é justo e obedeço à ordem das coisas. Vamos, meu genro, é preciso dar satisfação ao cavalheiro.
- DANDIN - Como satisfação?
- SR.DE V. - Sim é o que se deve fazer segundo as regras por tê-lo - acusado injustamente.
- DANDIN - É uma coisa com que não estou de acôrdo, isso de ter acusado injustamente, pois sei muito bem no que estou pensando.
- SR.DE V. - O que não tem importância alguma. Pois qualquer suspeita que pudesse ter existido, caiu com anegação do cavalheiro. A isso chamamos apaziguar uma disputa e ninguém possui o direito de queixar-se de um homem que se explicou.
- DANDIN - Quer dizer então que se o encontrasse deitado com minha mulher bastaria uma explicação para que ficasse desobrigado de culpa?
- . . .



- SR.DE V. - Basta de argumentações. Dai-lho as excusas que estou in-  
dicando.
- DANDIN - Eu pedir desculpas ainda por cima, depois de ...?
- SR.DE V. - Vamos já disse. Não há nada a examinar, vosso único mên-  
do deve ser o de agir com demasiada correção uma vez -  
que sois conduzido por mim.
- DANDIN - Não saberia...
- SR.DE V. - Caspité meu genro! Me pondez a bilis a ferver! Serei ca-  
paz de me lançar, com êle, contra vós,! Vamos, deixai -  
-vos orientar por mim!
- DANDIN - Pobre George Dandin!
- SR.DE V. - Chapéu na mão primeiro; o cavalheiro é um fidalgo e vós  
não o sois.
- DANDIN - Que raiva.
- SR.DE V. - Repita comigo; "senhor".
- DANDIN - "Senhor"
- SR.DE V. - (Que não vê a dificuldade que o genro cria para obedecer)  
"Peço-vos perdão". Ah?
- DANDIN - "Peço-vos perdão".
- SR.DE V. - Dos injustos pensamentos que tive de vós".
- DANDIN - "Dos injustos pensamentos que tive de vós".
- SR.DE V. - "É que não tinha tido a honra de conhecer-vos".
- DANDIN - "É que não tinha tido a honra de conhecer-vos".
- SR.DE V. - "E rogo-vos crêr"
- DANDIN - "E rogo-vos crêr"
- SR.DE V. - "Que sou um criado às vossas ordens"
- DANDIN - Desejais que eu seja um criado às ordens de um homem que  
pretende me fazer corno?
- SR.DE V. - (Ameaçando de novo) Ah!
- CLITANDRO - Basta, senhor.
- SR.DE V. - Não, desejo que êle vá até o fim e que tudo ande dentro  
das normas. "Sou um criado às vossas ordens".
- DANDIN - "Sou um criado às vossas ordens".



CLITANDRO - Senhor, sou vosso criado de todo o coração e não penso mais no que se passou. Despeço-me, barão, entristecido pelo pequeno aborrecimento que causei.

SR.DE V. - Beijo vossas mãos, e quando vos aprouver, convido- vos para uma caçada à lebre.

CLITANDRO - É uma alta honra que me conferís. (sai)

SR.DE V. - Eis, meu pobre genro, como se deve conduzir as coisas. Adeus. Sabei que entrastes numa família que vos dá apôio e que não permitirá que vos façam qualquer ofensa.(sai)

C E N A V I I

DANDIN - Ah que eu... Mas tu quizeste, quizeste George Dandin, fôge te tu que quizeste...Te assenta muito bem, estás bem arrumado. Tens exatamente o que mereces. Mas vamos é preciso desmascarar para os pais o verdadeiro carater da filha e eu talvez possa encontrar uma maneira de conseguir isso.

S E G U N D O A T O

C E N A I



CLODINA, LUBIN.

CLODINA - Sim, logo adivinhei que era coisa tua e que havias falado com alguém que foi contar tudo ao patrão.

LUBIN - Juro, não disse sinão de passagem uma palavrinha para um homem afim de que êle não fôsse contar ter visto de onde eu saía. É preciso que a gente desta terra seja muito - bisbilhoteira.

CLODINA - Verdadeiramente, êsse senhor visconde escolheu bem a criadagem. Te escolher para embaixador! Foi servi-se de um homem bem duvidoso.

LUBIN - Ora, na próxima vez serei mais finório e tomarei mais - cuidado.

CLODINA - Sim, Sim, não será sem tempo.

LUBIN - Não vamos falar mais disso. Escuta.

CLODINA - O que é que tu queres que eu escute?

LUBIN - Olha para mim.

CLODINA - Que é?

LUBIN - Clodina.



- CLODINA - Que?
- LUBIN - Então, não sabes o que quero dizer?
- CLODINA - Não
- LUBIN - Ora, eu te amo.
- CLODINA - Com boas intenções?
- LUBIN - Sim, que o diabo me carregue! Podos acreditar porque eu juro.
- CLODINA - Ainda bem.
- LUBIN - Sinto o coração remexer quando te olho.
- CLODINA - Fico contente.
- LUBIN - Que é que fazes para ser tão bonita?
- CLODINA - O mesmo que as outras.
- LUBIN - Sabes que mais? Podemos fazer tudo sem muita cerimônia. Se queres serás minha mulher, serei teu marido, e nós seremos os dois, marido e mulher.
- CLODINA - E se fores ciumento como o patrão?
- LUBIN - Não serei
- CLODINA - De minha parte, odeio maridos desconfiados e quero um que não se espante de nada, um tão cheio de confiança e tão seguro da minha castidade que me visse sem inquietude no meio de trinta homens.
- LUBIN - Pois bem. Serei assim.
- CLODINA - É a coisa mais tola do mundo duvidar duma mulher e atormentá-la. A verdade é que assim não se consegue nada de bom; a mulher começa a desejar vingança e são muitas vezes os maridos quem com o próprio escândalo se transformam naquilo que temem ser.
- LUBIN - Pois bem, te darci liberdade de fazer tudo que te agradar.
- CLODINA - Eis como se deve agir para não ser enganado. Quando um marido se submete a nossa discreção, tomamos apenas as liberdades necessárias. Como se faz com aquelas que põe à nossa disposição a bolsa e o dinheiro dizendo: "Sirvam-se!" Nos servimos com parcimônia e nos contentamos com o razoável. Mas aos que nos mortificam com migalhas, nos esforçamos por fazer uma boa tosqui sem poupar nada.



Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- LUBIN - Serei dos que abrem a bolsa. Vamos, casa comigo para ver.
- CLODINA - Bem, Bem, veremos.
- LUBIN - Chega então aqui Clodina-
- CLODINA - O que é que tu queres?
- LUBIN - Vem cá.
- CLODINA - Devagar, não gosto de atrevimentos.
- LUBIN - Uma pequena migalha de amizade.
- CLODINA - Deixa-me em paz, estou dizendo. Não gosto de gracejos.
- LUBIN - Clodina.
- CLODINA - Ai.
- LUBIN - Ih, como és má com a gente! É uma injustiça recusar assim - as pessoas. Não tens vergonha de ser bonita e não querer que a gente te acaricie? Ora essa!
- CLODINA - Olha um tapa no nariz.
- LUBIN - Que fera, que selvagem! Vejam a bandida como é cruel!
- CLODINA - Andas muito emancipado.
- LUBIN - O que é que te custaria ceder um pouco?
- CLODINA - Deves ter paciência.
- LUBIN - Só um beijinho, como adiantamento das bodas.
- CLODINA - Passo bom.
- LUBIN - Te suplico, Clodina, como um pequeno desconto sobre o futuro.
- CLODINA - Ah não, já caí nessa uma vez. Até logo. Vai e diz ao Sr. - Visconde que terci cuidado em levar o bilhete a seu destino.
- LUBIN - Adeus, beldade rabujenta.
- CLODINA - Que palavra amorosa!
- LUBIN - Adeus rochedo, seixo, pedrade talho e tudo que há de mais-insensível no mundo! (sai)
- CLODINA - Vou entregar a carta a patroa. Mas lá vem ela com o marido; Vamos nos afastar e esperar que ela fique só. (sai)



**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

. . .





DANDIN, ANGÉLICA, CLITANDRO.

- DANDIN - Não, não, ninguém me ongana assim com tanta facilidade e tenho bastante certeza de que o relatório que me fizeram é verdadeiro. Enxergo melhor do que se pensa e vossa algaravia de há pouco não me ofusco em nada.
- CLITANDRO - Ah lá está ela! Mas acompanhada do marido. (Durante o começo desta cena Angélica faz sinais à Clitandro, escondido num canto, sem ser percebido por Dandin. Ela o cumprimenta, faz saudações, gesto com a espádua, um sinal com a cabeça, etc., donde as observações do marido que interpreta erradamente as atitudes da esposa).
- DANDIN - Através de tôdas essas caretas, vejo a verdade do que me vieram contar e o pouco respeito que tendes pelo vínculo que nos une. Deus meu! Parai com estas reverências pois não é desta espécie de respeito que estou falando! E não há motivo para fazer troças.
- ANGÉLICA - Fazer troça, eu? De maneira alguma.
- DANDIN - Conheço vosso pensamento e sei... De novo! Ah! Mas basta de ridicularizar! Não ignoro que devido à vossa nobreza me tendes por inferior. Mas o respeito que reclamo não é dirigido à minha pessoa e sim, segundo ouvi falar, aos laços veneráveis do casamento. Não é preciso dar de ombros pois não estou dizendo tolices.
- ANGÉLICA - Quem está dando de ombros?
- DANDIN - Por Deus não sou cego. Digo-vos mais uma vez que o casamento é um elo ao qual devemos tôda a sorte de respeito, portanto, o que estais fazendo é um mal enorme. Sim, sim, um mal enorme e não adianta sacudir a cabeça nem fazer caretas.
- ANGÉLICA - Não entendo o que quereis dizer.
- DANDIN - Pois eu entendo muito bem; já conheço vosso desprêzo. Se não nasci nobre, ao menos pertença a uma raça sem mancha, a família dos Dandin...
- CLITANDRO - (Atrás de Angélica, sem ser percebido por Dandin) Marque-mos um encontro...
- DANDIN - Ahn?
- ANGÉLICA - Que há? Não disse uma palavra...



- DANDIN - Ei-lo rondando por perto!
- ANGÉLICA - E a culpa é minha? Que quereis que eu faça?
- DANDIN - Desejo que façais aquilo que faz uma mulher que pretende agradar apenas ao marido, Digam o que disserem; os galanteadores só aparecem quando são bem recebidos. Há um certo ar doce que os atrai, como o mel faz com as moscas ; mas as mulheres honestas sabem ter maneiras para repelir de imediato qualquer avanço.
- ANGÉLICA - Repelir? E porque motivo? Não me escandalisa em nada saber que me julgam bem feita. O fato só me dá prazer.
- DANDIN - Sim, mas que papel faz o marido durante toda esta galanteria?
- ANGÉLICA - O papel de um bom companheiro que se encontra satisfeito por ver sua esposa considerada.
- DANDIN - Muito obrigado. Mas não é o meu gênero e os Dandins não estão acostumados a essa moda.
- ANGÉLICA - Pois os Dandins que se acostumem, se quiserem. De minha parte declaro minha intenção de não renunciar ao mundo enterrando-me viva em casa com o marido. Então porque um homem resolve casar conosco devemos aceitar o fim de todas as coisas e romper comunicações com a humanidade? É uma coisa maravilhosa esta tirania dos senhores maridos! Como são bondosos em desejar que as mulheres morram para todos os divertimentos e que vivam apenas para eles! Pois para mim tudo isso não conta e não pretendo morrer tão jovem!
- DANDIN - Ah é assim que satisfazeis aos compromissos de fé que me destes publicamente?
- ANGÉLICA - Não foram dados de coração aberto, foram tomados à força. Por ventura, antes do matrimônio pedistes meu consentimento e perguntastes se vos amava? Para isso não consultastes senão aos senhores meus pais; na verdade foram eles que casaram convosco. Porisso faríeis melhor se fosseis queixar-vos sempre a eles quando houvesse alguma coisa errada. De minha parte, que não pedi esta união, e que fui tomada sem nenhuma consulta aos meus sentimentos, não pretendo permanecer submetida como escrava às vossas vontades. Tenho a intenção de aproveitar, com vossa licença...





- ANGÉLICA - ...os poucos dias de beleza que a juventude me oferece, usar as doces liberdades que a mocidade permite, ver um pouco do belo mundo, e saborear o prazer de ouvir frases ternas dirigidas a mim. Preparai-vos para esta punição e rendei graças aos céus que eu não seja capaz de qualquer coisa pior.
- DANDIN - Ah, então a atitude é esta? Sou vosso marido e digo que vejo o assunto de modo diferente.
- ANGÉLICA - E eu sou vossa espôsa e digo que vejo o assunto de modo coerente.
- DANDIN - Sinto uma tentação de transformar tôda essa coerência - em compota! Deixá-la em estado de não se poder queixar da vida a fazedores de galanteios. Mas não, vamos George Dandin, é melhor ires embora ou não te conteras mais!  
(sai)

C E N A III

CLODINA, ANGÉLICA.

- CLODINA - Estava impaciente senhora, para que ôle se retirasse, afim de entregar-vos êste bilhete, sabeis de quem.
- ANGÉLICA - Deixe ver-
- CLODINA - Pelo que posso observar a leitura não a aborrece nem um pouco.
- ANGÉLICA - Ah Clodina! Como esta mensagem se exprime de modo galante! Em tôdas as frases, em tôdas as ações, como as pessoas da côrte possuem um tom encantador! Que somos nós, provincianos, perto dêles?
- CLODINA - Creio que depois de os haver visto, os Dandins perderão o interêsse...
- ANGÉLICA - Espera aqui; vou escrever a resposta. (sai)

C E N A IV

CLITANDRO, LUBIN, CLODINA.

- CLODINA - Em verdade senhor, arranjasteis um hábil mensageiro.
- CLITANDRO - Não ousei enviar nenhum dos meus. Mas, minha pobre Clodina, é preciso que te recompense pelos bons serviços que, sei, me prestastes.
- CLODINA - Ah sr. não é necessário. Não precisais dar-vos êste trabalho, (estando a mão)

- CLODINA - Prestei serviços porque o mereçois e tenho de coração, simpatia por vós.
- CLITANDRO - Fico muito grato.
- LUBIN - Já que vamos casar, me dá o dinheiro para guardar com o meu.
- CLODINA - Deixa que eu guardo, junto com o beijo que ficou para - depois.
- CLITANDRO - Entregaste meu bilhete a tua bela senhora?
- CLODINA - Sim, ela foi preparar a resposta.
- CLITANDRO - Mas Clodina, não há maneira de fazer com que possa falar com ela?
- CLODINA - Sim, vinde comigo, farei com que se avistem.
- CLITANDRO - Mas scrá que ela vai aprovar? Não será arriscado?
- CLODINA - Não, não o marido não se encontra em casa; e depois, não é a êle que ela precisa acomodar, mas ao pai e à mãe. Enquanto êles continuarem prevenidos em favor dela, não há nada a temer.
- CLITANDRO - Bem, coloco-me em tuas mãos.
- LUBIN - Palavra! Terei uma mulher inteligente! Ela tem espírito para quatro! (saem Clitandro e Clodina).

C E N A V

DANDIN, LUBIN

- DANDIN - Eis o homem do há pouco. Praza aos céus que aceite prestar testemunho ao pai e à mãe sôbre aquilo que não querem acreditar.
- LUBIN - Mas vejam quem está aí, o sr. bisbilhoteiro, a quem tanto recomendei que não falasse e que promoveu guardar silêncio! Sois então um linguarudo que anda recontando por aí o que lhe confiam em segredo?
- DANDIN - Eu?
- LUBIN - Sim. Fôstes relatar tudo ao marido e sois a causa da confusão que êle criou. Sinto-me muito satisfeito em descobrir que tendes a língua comprida pois assim aprenderei a não vos dizer mais nada.
- DANDIN - Escutai, meu amigo.
- LUBIN - Se não tivésseis batido com os dentes, teria contado o que está se passando neste momento; mas como castigo não ficareis sabendo de nada.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





- DANDIN - Como? Está acontecendo alguma coisa?
- LUBIN - Não; nada, nada. Eis no que dá ter a fala frouxa. Não sa boreareis as novidades e ficareis aí com água na boca. Até mais ver.
- DANDIN - Fique aqui.
- LUBIN - Não
- DANDIN - Só quero dizer uma palavra.
- LUBIN - Sei, estais com vontade de arrancar informações.
- DANDIN - Não se trata disso.
- LUBIN - Um imbecil cairia nesta, mas eu não.
- DANDIN - A coisa é outra. Escute.
- LUBIN - Nada disso. Gostariéis que vos dissesse que o senhor Vis conde deu dinheiro à Clodina e que ela o conduziu para dentro, junto de sua patrôa? Não sou tão bôbo assim.
- DANDIN - Por obséquio.
- LUBIN - Não
- DANDIN - Te darei...
- LUBIN - Coisa alguma. (sai).



C E N A      V I

GEORGE DANDIN, SÓ.

- DANDIN - Não me pude servir do inocente para fazer o que pensava. Mas o novo aviso que deixou escapar produziu o mesmo efeito e se o galã encontra-se em minha casa, será para me dar razão aos olhos do pai e da mãe e convecê-los plenamente das afrontas da filha. O mal é que não sei como agir para aproveitar o aviso. Se entro em casa, farei o gracioso escapar junto com as provas de minha desonra, de modo que não acreditarão em meu depoimento, dizendo que sonho. Se por outro lado, for buscar o sogro e a sógra, sem a certeza de encontrar em casa o conquistador, dará no mesmo e recairei na inconveniência de há pouco. Será que não conseguirei descobrir sem ser percebido se ele ainda se encontra lá? Céus! Mas não é preciso duvidar mais; aca bo de vê-lo pelo buraco da fechadura! A sorte me dá aqui meios de confundir meus adversários e para terminar com a aventura dêles só falta nomear os juizes de que neces-  
sito.

C E N A VII

SR. e SRA. DE VILLATOLA, DANDIN.

- DANDIN - Enfim, há pouco não quisestes acreditar e vossa filha descarregou tudo sôbre mim; mas tenho em mãos a maneira de mostrar-vos que figura ela me faz assumir. Graças a Deus minha desonra é tão clara agora que não pôdereis mais duvidar.
- SR.DE V. - Como, meu genro, ainda fixado nêste ponto?
- DANDIN - Sim ainda e nunca com tanta razão.
- SRA.DE V. - Pretendeis de novo virarnos a cabeça?
- DANDIN - Senhora fizeram coisa bem pior com a minha.
- SR.DE V. - Não cançais nunca de ser importuno?
- DANDIN - Não, mas canço bastante de ser tomado por estúpido.
- SRA.DE V. - Não gostaríeis de abandonar êsses pensamentos extravagantes?
- DANDIN - Não senhora, mas gostaria de abandonar uma mulher que me desonra.
- SRA.DE V. - Genro nosso, moderai a linguagem!
- SR.DE V. - Por Deus! Procurai termos menos ofensivos.
- DANDIN - Negociante que perde não ri.
- SRA.DE V. - Lembrai-vos que desposastes uma fidalga.
- DANDIN - Lembro bem e lembrarei muito.
- SR. DE V. - Se vos lembrais é preciso também não esquecer de falar sôbre ela com mais respeito.
- DANDIN - Mas não é primeiro ela quem deve me tratar honestamente? Por ser fidalga então ela pensa ter a liberdade de fazer o que quizer comigo, sem que eu ouse suspirar?
- SR. DE V. - Que tendes afinal a dizer? Não vistes esta manhã como ela negou conhecer aquele contra quem lançastes acusações?
- DANDIN - Sim. Mas que diria o sr. se mostrasse agora que o galã está com ela?
- SRA. DE V. - Com ela?
- DANDIN - Sim, com ela, dentro de minha casa.







- SR. DE V. - Em vossa casa?
- DANDIN - Sim em minha própria casa.
- SRA. DE V. - Se for verdade estaremos contra ela e a vosso lado.
- SR. DE V. - Sim a honra da família é mais cara do que qualquer coisa. Se o que afirmais é verdadeiro repudiaremos seu sangue abandonando-a a vossa cólera.
- DANDIN - Façam o favor de seguir-me.
- SRA. DE V. - Evitai enganar.
- SR. DE V. - Que não seja como da outra vez.
- DANDIN - Por Deus! Ireis ver. (Clitandro sae com Angélica e Clodina). Então, por acaso mentí?

C E N A VIII

ANGÉLICA, CLITANDRO, CLODINA, SR. e SRA. DE VILLATOLA, DANDIN.

- ANGÉLICA - Adeus. Temo que vos surpreendam aqui e preciso guardar as aparências.
- CLITANDRO - Prometei então senhora que falareis comigo esta noite.
- ANGÉLICA - Farei o possível.
- DANDIN - Aproximemo-nos devagar, por detrás e cuidemos para não sermos vistos.
- CLODINA - Senhora, tudo está perdido, eis vosso pai e vossa mãe a acompanhados de vosso marido.
- CLITANDRO - Céus!
- ANGÉLICA - Não se dêem por achados resolverei tudo sozinha. Como? ousais aproveitar a oportunidade, depois do caso que já houve? É assim que dissimulais vossos sentimentos? Vieram dizer que me amáveis e que pretendíeis fazer solicitações; dou testemunho do meu desprezo, explico-me claramente ante todos; negais tudo bem alto e jurais não possuir nenhuma intenção de me ofender. No entanto, no mesmo dia, tendes a ousadia de me visitar, de dizer que me amais e de contar um sem número de histórias para me persuadir a corresponder vossas extravagâncias; como se eu fôsse mulher de violar o juramento que dei a meu marido e me afastar alguma vez da virtude que



- ANGÉLICA - ...meus pais me ensinaram. Se meu pai soubesse disso haveria de ensinar-vos a tentar tais violências. Mas uma mulher virtuosa não gosta de escândalos; tomei cuidado em não dizer nada, e gostaria de mostrar-vos que, apesar de ser mulher possui coragem suficiente para vingar eu mesma as ofensas que me fazem! A ação que praticastes não é própria de um cavalheiro e por tanto não vos tratarei como tal. (Ela toma um bordão e bate em Dandin que veio colocar-se entre eles).
- CLITANDRO - Ei, devagar! (foge)
- CLODINA - Forte senhora, daí nêlo com fôrça!
- ANGÉLICA - Se ainda vos resta alguma coisa no coração, sou capaz de corresponder ainda mais.
- CLODINA - Agora sabeis com quem estais lidando.
- ANGÉLICA - O que, meu pai por aqui?
- SR. DE V. - Sim minha filha e vejo que em virtude e coragem te mostras um digno rebento da casa de Vilatola. Vem cá, aproxima-te, para que eu te beije.
- SRA. DE V. - A mim também filha. Choro de alegria. Pois reconheço meu sangue no que acabas de fazer.
- SR. DE V. - Meu genro, deveis estar delirante. Que esta aventura se transforme em doces compensações. Tinheis justos motivos de alarme; mas as desconfianças se dissiparam da maneira mais vantajosa possível.
- SRA. DE V. - Sem dúvida, nosso genro, e deveis agora ser o mais contente dos homens!
- CLODINA - É verdade! Ai está uma esposa. Sois demasiado feliz em possuí-la. Deveríeis beijar o solo em que ela pisa.
- DANDIN - Ah, traidora!
- SR. DE V. - Que foi meu genro? Não agradeccis um pouco a vossa esposa pela amizade que ela mostra ter por vós?
- ANGÉLICA - Não, não, meu pai; não é necessário. Ele não me deve nenhum agradecimento pelo que acaba de ver pois tudo que fiz foi apenas por amor próprio.
- SR. DE V. - Onde vais, minha filha?





- ANGÉLICA - Retiro-me, meu pai, para não me ver obrigada a receber  
sous cumprimentos. (sai)
- CLODINA - Ela tom razão, em ficar furiosa . Uma esposa que mere-  
ce ser adorada, e vós não a tratais como é devido!(sai)
- DANDIN - Celerada!
- SR. DE V. - Deveis considerar tratar-se de uma jovem educada virtu-  
osamente e que não está acostumada a ver-se suspeitada  
de ações vís. Adeus. Retiro-me encantado por ver vos-  
sas desordens matrimoniais terminadas e pelos transpor-  
tes de alegria que vos deve dar sua conduta, (Saem Sr.  
e Sra. De Vilatola)
- DANDIN - Não direi uma palavra pois não ganharia nada com isso  
e nunca se viu uma desgraça igual à minha. Sim, admiro  
minha infelicidade e o sutil discurso da minha descarã  
da esposa conquistando sempre a razão para si e agra-  
vando minha posição. Será possível que estarei sempre  
em desvantagem em relação a ela, que as aparências se  
voltarão sempre contra mim e que nunca chegarei a ven-  
cer essa desaforada? O' céu, secunda meu projeto e con-  
cede a graça de fazer com que todo o mundo descubra -  
que estão me desonrando!

A T O III

C E N A I

CLITANDRO, LUBIN.

- CLITANDRO - A noite já está avançada e tenho medo de chegar atrasa-  
do. Não vejo mais onde estou. Lubin!
- LUBIN - Senhor visconde?
- CLITANDRO - É por aqui?
- LUBIN - Penso que sim. Que noite doida. Nunca vi tão escura.
- CLITANDRO - Está sem dúvida horrível; mas se de um lado nos impede  
ver do outro impede que nos vejam.
- LUBIN - Tendes razão, não é tão mau assim. Gostaria de saber  
senhor, de vós que sois instruído, porque não faz dia  
de noite.
- CLITANDRO - Ah é um grande problema, muito difícil. Parece ter  
grande interêsse em saber coisas, Lubin.

. . .



- LUBIN - É verdade, se tivesse estudado sr. pensaria em coisas que ninguém jamais pensou.
- CLITANDRO - Acredito. Tua aparência é de quem tem espírito sutil e penetrante.
- LUBIN - Isso é verdade. Veja, explico com latim. Ainda que nunca o tivesse aprendido e vendo outro dia escrito sobre um grande portal "collegium" advinhei significar - colégio!
- CLITANDRO - Admirável. Sabes então ler, Lubin?
- LUBIN - Sim, sei ler letra impressa. Mas nunca fui capaz de aprender a escrita a mão.
- CLITANDRO - Chegamos. (Bate palmas). É o sinal combinado por Clodina.
- LUBIN - Por minha fé. É uma mulher que vale ouro. Amo-a de todo o coração.
- CLITANDRO - Pois te trouxe para que pudesses entretê-la.
- LUBIN - Ah sr. fico grato.
- CLITANDRO - Silêncio! Escutei um barulho!

C E N A    I I

ANGÉLICA, CLODINA, CLITANDRO, LUBIN.

- ANGÉLICA - Clodina
- CLODINA - Sim?
- ANGÉLICA - Deixe a porta entreaberta.
- CLODINA - Já está feito.
- CLITANDRO - São elas. SSSst.....
- ANGÉLICA - SSSssssttt.....
- LUBIN - Ssstt.....
- CLODINA - Ssstt.....
- CLITANDRO - (para Clodina) Senhora...
- ANGÉLICA - (para Lubin) Sim?
- LUBIN - (para Angélica) Clodine!
- CLODINE - (para Clitandro) O que é?
- CLITANDRO - (para Clodina) Ah senhora, que alegria!
- LUBIN - (para Angélica) Clodina, minha pobre Clodina!



- CLODINA - (para Clitandro) - Devagar, senhor.
- ANGÉLICA - (para Lubin) - Calma, Lubin.
- CLITANDRO - És tu Clodina?
- CLODINA - Sim.
- LUBIN - Sois vós senhora?
- ANGÉLICA - Sim.
- CLODINA - Tomamos um pelo outro.
- LUBIN - Com essa noite não se enxerga um pingo.
- ANGÉLICA - Sois vós Clitandro?
- CLITANDRO - Sou eu mesmo.
- ANGÉLICA - Meu marido ronca como louco porisso aproveitei o tempo para vir aqui.
- CLITANDRO - Procuremos um lugar para sentar.
- CLODINA - É uma boa idéia (vão para o fundo)
- LUBIN - Clodina, onde estás?



C E N A III

GEORGE DANDIN, LUBIN

- DANDIN - Ouvi minha mulher descer e me vesti rápido para vir atrás dela. Onde será que está? Teria saído?
- LUBIN - (Tomando George Dandin por Clodina) Onde estás afinal, Clodina? Ah, enfim. Teu patrão está agradável - mente enganado e acho esta de agora tão engraçada - quanto a história dos golpes de bastão que me contaram. Tua patrão diz que êle a estas horas ronca. Ronca! Sem saber que o sr. visconde e ela estão juntos enquanto êle dorme. Gostaria de saber com que êle está sonhando agora. Como é engraçado! O que é que ele pensa tendo ciumes da esposa? Querer que ela seja só dêle? É um impertinente e o sr. Visconde até lhe faz uma honraria. Mas não dizes nada Clodina? Vamos atrás dêles, e me dá tua mãozinha para um beijo. Ah como é doce. Parece que estou comendo confeitos. (como êle beija a mão de Dandin, êste o empurra rudemente no - rosto). Que é isso? Eis uma mãozinha bem rude.
- DANDIN - Quem está aí?
- LUBIN - Ninguém.

. . .  
. . .

DANDIN - Fugiu. Mas deixou-me informado sôbre a nova perfídia da minha cretina. É preciso que sem tardar mande chamar seus pais para que esta aventura me auxilie e se parar-me dela. Colin, Colin!

Q E N A IV

COLIN, DANDIN, COLIN Aparece na janela.



COLIN - Senhor ?

DANDIN - Vinha depressa aqui para baixo

COLIN - (Saltando pela janela) Aqui estou. Não poderia ser mais-rápido.

DANDIN - Estás aí?

COLIN - Sim senhor. (Enquanto êle vai falar de um lado Colin vai para o outro)

DANDIN - Cuidado. Fala baixo. Escuta. Vai até a casa de meu sogro e de minha sogra e diz que eu peço insistentemente que venham aqui em seguida. Compreendeste? eh! - Colin ! Colin !

COLIN - (Do outro lado) Senhor?

DANDIN - Onde estás diabo?

COLIN - Aqui.

DANDIN - (Como ambos se buscam, um passa pelo outro, colocando-se em lados opostos) Peste de tratante que nunca sei onde está. Vai buscar meu sogro e minha sogra e diz que os convoco a aparecer aqui imediatamente. Estás ouvindo? Responde Colin! Colin!

COLIN - (Do outro lado) Senhor.

DANDIN - Esse imbecil me deixa furibundo! Vem aqui. (Vão de encontro um ao outro) Oh que asno! Me estropiou. Onde estás? Aproxima-te para receber mil pancadas. Creio que fugiu.

COLIN - É verdade.

DANDIN - Vens ou não vens?

COLIN - Não, eu não.

DANDIN - Vem estou dizendo.

COLIN - Não; o sr. quer me surrar.

DANDIN - Está bem; não quero surrar. Não te farei nada.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





- COLIN - É verdade?
- DANDIN - Sim. Aproxima-te. Bem. Tens muita sorte que eu precise - de ti.
- DANDIN - Vai depressa, em meu nome, suplicar a meu sogro e à mi- nha sogra que apareçam aqui o mais cedo possível pois trata-se de assunto da mais extrema importância. Se - mostrarem alguma resistência devido à hora, não dei- xe por isso de pressioná-los e de fazê-los compreen- der claramente ser urgente a vinda, tal como estiverem. Agora ouviste direito?
- COLIN - Sim senhor.
- DANDIN - Vai e volta depressa. (Colin sai) e eu retorno a casa esperando que ... Mas estou ouvindo alguém. Não será minha mulher? Vou aproveitara escuridão para escutar.

## CENA V

Clitandro, Angélica, Dandin, Clodina, Lubin.

- ANGELICA - Adeus, está na hora de voltar.
- CLITANDRO - O que? tão cedo?
- ANGÉLICA - Já conversamos de sobra.
- CLITANDRO - Sra. é possível em tão pouco tempo de palestra encon- trar tôdas as palavras de que necessito para falar - vos? Precitaria dias inteiros para expressar bem - meus sentimentos e não disse ainda nem um terço do que tenho a dizer.
- ANGELICA - Ouvirei tudo em outra oportunidade com mais calma.
- CLITANDRO - Um golpe me trespassa a alma ao ouvi-la falar em reti- rar-se. Ficarei sofrendo.
- ANGELICA - Encontraremos meios de nos rever.
- CLITANDRO - Sim mas sei que ao deixar-me ireis ter com um marido. Esse pensamento me assassina pois os privilégios de um marido são vantagens cruéis para um admirador que ama demais.
- ANGELICA - Sereis louco a ponto de sofrer inquietude por julgar que sejamos capazes de amar certos maridos que exis- tem por aí? Eles são accitos apenas porque não pode- mos nos defender contra a prepotência paterna, que - não tem olhos sinão para grandes fofurnas.



- ANGELICA - Mas sabemos equilibrar as coisas e evitamos dar a tais maridos algo mais do que a diminuta consideração de - que são merecedoras.
- DANDIN - Eis o retrato de nossas mulheres.
- CLITANDRO - É preciso reconhecer que vos uniram com alguém pouco - digno da honra recebida e que uma pessoa como vós junto de um homem como êle, forma estranha ligação.
- DANDIN - (a parte) Pobres maridos! Como são tratados!
- CLITANDRO - Mereceis, sem dúvida, outro destino. Não fostes criada - para ser esposa de um camponês !
- DANDIN - Que pena que ela não seja tua esposa ! Mudarias logo - de conversa. Mas basta disso. Voltemos para dentro de casa.  
(Entra e fecha a porta)
- CLODINA - Senhora, se pretendeis falar mal de vosso marido, apresai-vos porque é tarde.
- CLITANDRO - Clodina, estás sendo importuna.
- ANGELICA - Mas ela tem razão. Separemo-nos:
- CLITANDRO - Bem é preciso conformar-me já que assim o desejais. Mas ao menos peço-vos que lastimeis um pouco os maus momentos que irei passar.
- ANGELICA - Adcus.
- LUBIN - Clodina, onde estás? Quero te dar boa noite.
- CLODINA - Vai, vai, eu recebo de longe e mando outro tanto. (Lubin e Clitandro) saem).

## CENA VI

Angélica, Clodina, Dandin.

- ANGELICA - Entramos sem fazer barulho.
- CLODINA - A porta está fechada.
- ANGELICA - Tenho a chave mestra comigo.
- CLODINA - Abri então em silêncio.
- ANGELICA - Trancaram por dentro, não sei como faremos.
- CLODINA - Chamai Colin, o empregado que dorme na entrada.
- ANGELICA - Colin, Colin, Colin.



- DANDIN - (aparecendo na janela) - Colin, Colin? Ah, enfim surpreendo-vos, senhora minha esposa! Então, dando escapadas enquanto durmo, cin? Isto me agrada muito e também por vê-la na rua a estas horas.
- ANGELICA - Bom e que grande mal existe em vir tomar o ar fresco da noite?
- DANDIN - Sim, sim, a hora é boa para tomar ar fresco. Mas não viestes acaso tomar algo mais quente? Dissimulada! Conheço tôda a intriga do encontro e do jovem cavalheiro. Ouvi a galante entrevista e os belos versos de louvação - à minha pessoa que um e outro disseram. Mas minha consolação é que serei vingado e vosso pai e vossa mãe ficarão agora convencidos da justiça de minhas queixas e do desregramento de vossa conduta. Mandei buscá-los e estarão aqui de um momento para outro.
- ANGELICA - Céus!
- CIODINA - Senhora!
- DANDIN - Eis um golpe que sem dúvida chega inesperado. É agora - que triunfo. Tenho com que abater vosso orgulho e destruir os artificios. Até agora destorcestes minhas acusações, iludistes vossos pais, e disfarçastes vossos delitos. Tôdas as belas coisas que vi e dei testemunho, - vossos discursos jogaram contra meu direito encontrando sempre meio de ficar com a razão. Mas desta vez, graças a Deus, as coisas vão ficar claras e vossa fraude será - descoberta.
- ANGELICA - Suplico-vos, deixe-me abrir a porta.
- DANDIN - Não, não: é preciso esperar a vinda dos que mandei buscar; desejo que a encontrem aí fora, tarde da noite como é. Esperando a chegada podeis tentar buscar em vossa cabeça algum novo subterfúgio para livrar-vos desta pendência. Algum modo de reparar a escapada, de encontrar algum ardil para iludir as pessoas e parecer inocente, algum pretexto especial para a peregrinação noturna como visitar alguma amiga em trabalho de parto ou qualquer outra mentira d'êste tipo.
- ANGELICA - Não minha intenção não é de encobrir coisa alguma. Não Pretendo defender-me, nem negar nada, já que sabeis tudo.



- DANDIN - É que reconheceis estarem fechadas tôdas as vias e ma  
maneiras de fuga, e que desta vez não sabereis inven-  
tar desculpa que não seja fácil desmascarar pela fal-  
sidade.
- ANGÉLICA - Sim, confesso que agi mal, e que tendes motivo para  
queixas. Mas peço-vos a graça de não me expôr também  
ao mau humor de meus pais permitindo que eu entre em  
seguida.
- DANDIN - Não muito obrigado.
- ANGÉLICA - Ah meu bom maridinho, estou implorando!
- DANDIN - Meu bom maridinho? Sou vosso maridinho agora, porque  
vos sentis perdida. Fico muito satisfeito, antes nun-  
ca lembrastes de fazer uso de tais doçuras.
- ANGÉLICA - Pois bem. Prometo não dar motivo algum de incômodo e  
de me...
- DANDIN - Tudo isso é nada. Não vou jogar fora essa aventura; o  
que interessa é que fiquem esclarecidos a fundo e de  
uma vez, para todos, os desmandos de vosso comporta-  
mento.
- ANGÉLICA - Por misericórdia deixai que vos explique; imploro um  
momento de atenção.
- DANDIN - Está bem, o que é?
- ANGÉLICA - É verdade que errei., reconheço mais uma vez e vosso  
ressentimento é justo. Aproveitei a hora de vosso so-  
no para sair. E a saída foi para um encontro marcado  
com a pessoa que mencionastes. Mas afinal tudo isso  
são ações que devem ser perdoadas devido à minha ida-  
de; entusiasmos de uma jovem que nada viu do mundo on-  
de acaba de penetrar; liberdades às quais a gente se  
abandona sem pensar mal e que sem dúvida no fundo na-  
da possuem de . . .
- DANDIN - Sim; partindo de vós isso são coisas nas quais se de-  
ve acreditar piamente.
- ANGÉLICA - Não pretendo com isso excusar a falta em relação a  
vós e peço apenas que esqueça uma ofensa da qual im-  
ploro perdão com tôda a alma. Poupe-me nesta conjun-  
tura o desprazer que me poderão causar as censuras abor-  
recidas de meu pai e minha mãe. Se me concedeis gene-  
rosamente a graça que vos peço, tal procedimento cor-





- ANGÉLICA - ...cordial, essa bondade que me fareis enxergar, conquistar-me-á inteiramente. Tocará em seguida meu coração, nê le fazendo nascer aquilo que todo o poder de meus pais e os laços do casamento não puderam alcançar. Em uma palavra, ela será causa de minha renúncia às galanterias, e não terei interêsses sinão em vós. Sim, dou minha palavra de que me vereis daqui por diante como a melhor esposa do mundo, e darei testemunho de tanta amizade, que ficareis satisfeito.
- DANDIN - Crocodilo que lisongea as vítimas antes de devorá-las.
- ANGÉLICA - Concedei-me êste favor.
- DANDIN - Não quero mais saber de nada. Sou inexorável.
- ANGÉLICA - Mostrai-vos generoso.
- DANDIN - Não.
- ANGÉLICA - Por piedade -
- DANDIN - Por nada.
- ANGÉLICA - Conjuro-vos de todo coração.
- DANDIN - Não, não, não. Desejo que se desenganem convosco e que vossas confusões fiquem evidentes.
- ANGÉLICA - Pois bem, já que me reduzís ao desespero, advirto que - uma mulher em tal estado é capaz de tudo, e que farei - aqui algo de que vos ireis arrepender.
- DANDIN - Ah sim? e o que fareis, pergunto?
- ANGÉLICA - Meu coração será levado a tomar resoluções supremas e com a faca que tenho aqui, matar-me-ei, em plena rua!
- DANDIN - Ha, ha, ainda bem.
- ANGÉLICA - Não será para vós um bem como julgáis. Todos estão ao par de nossas diferenças e dos sofrimentos perpétuos que ingligís em mim. Quando me encontrarem morta não haverá - quem duvide ter sido vós o assassino. Meus pais não são certamente pessoas que haveriam de deixar minha morte impune. Farão cair sôbre vossa pessoa tôdas as condenações que se puder oferecer com uma perseguição da justiça. Além de fazer uso do calor de seu ressentimento. Será assim que encontrarei meios de vingar-me. Não serei a primeira a saber recorrer a semelhantes vinganças, matando-me para

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





- ANGÉLICA - ... condenar aquele que teve a crueldade de me levar à atitude extrema.
- DANDIN - Muito bom. Só que ameaças de suicídio de há muito já saíram da moda.
- ANGÉLICA - Podeis ter certeza que o farei; e se persistirdes na recusa em abrir a porta, juro que em seguida vos farei ver até onde pode ir a resolução de uma criatura desesperada.
- DANDIN - Bobagens, conversa para meter medo.
- ANGÉLICA - Pois bem, já que é preciso, eis o que nos contentará a ambos e mostrará que não estou brincando. Aí, está feito. Tomara Deus que minha morte seja vengada como é do meu desejo e que aquele que a causou reciba justo castigo pela dureza que teve comigo.
- DANDIN - Credo! Será que ela é ruim a ponto de matar-se para me condenar? Vou buscar uma vela para ver. (sai da janela).
- ANGÉLICA - Enfim! Vamos nos encostar imediatamente na parede do lado da porta.
- DANDIN - Será que a maldade dessa mulher vai até êste ponto? (Ele sai com a vela sem perceber que Angélica e Clodina entram e fecham a porta). Não há ninguém aqui. Bem que desconfieci. A velhaca retirou-se vendo que nada mais tinha a ganhar comigo, nem com ameaças, nem com preces. Tanto melhor! Isso fará o caso ainda mais grave e os pais, que não tardam, irão ver, bem claro, a extensão da sua falta. Ah, ah? A porta está fechada. Hei! O que há? Alguém aí? Abram logo!
- ANGÉLICA - (aparecendo na janela com Clodina) Como? És tu? De onde vens tratante? São horas de chegar em casa, quando o dia está quase nascondo? Esse é o tipo de vida que um marido fiel deve seguir?
- CLODINA - Então é bonito passar a noite bebendo e deixar sozinho em casa uma pobre jovem esposa?
- DANDIN - Como? Então? . . .
- ANGÉLICA - Vai, vai, tratante, estou exausta do teu mau comportamento e pretendo queixar-me, sem demora a meu pai e a minha mãe.
- DANDIN - Que? Ah então ousais. . .
- . . .



C E N A VII

SR. e SRA. DE VILATOLA, COLIN, CLODINA, ANGÉLICA, DANDIN.  
(SR. e SRA. DE VILATOLA ESTÃO EM TRAJES DE DORMIR E SÃO  
CONDUZIDOS POR COLIN QUE TRAZ UMA LANTERNA).

ANGÉLICA - Vindo por favor, dar-me razão contra a insolência de um marido a quem o vinho e o ciúme transtornaram de tal sorte o cérebro, que não sabe mais nem o que diz, nem o que faz, e que vos mandou buscar, êle mesmo, para fazer-vos testemunhas da mais estranha extravagância que já se ouviu falar. Chegou em casa neste estado em que se encontra, depois de se fazer esperar tôda a noite. Se desejarem dar-lhe ouvidos, êle fará as maiores quixas contra mim; dirá que durante seu sono me furtei de sua presença para sair correndo e 100 outras fantasias da mesma espécie que inventou sonhando.

DANDIN - Ah criatura maldosa!

CLODINA - Sim, tentou fazer-nos crêr que êle estava dentro de casa e que nós estávamos aí fora; é uma loucura que não há meio de lhe tirar da cabeça.

SR. DE V.- Como? Que significa isso?

SRA. DE V.- Que furiosa impudência chamar-nos em plena noite!

DANDIN - Mas eu nunca . . .

ANGÉLICA - Não meu pai não consigo mais suportar um marido desta espécie. Minha paciência encontrou seu limite; êle acaba de me dizer uma centena de palavras injuriosas.

SR. DE V. - Sois de uma desonestidade!

CLODINA - Dei na consciência ver uma pobre jovem esposa tratada - deste modo. Isso pede vingança aos céus.

DANDIN - Mas pode-se . . .

SRA. DE V.- Deveríeis morrer de vergonha.

DANDIN - Permitam que eu diga duas palavras. . .

ANGÉLICA - Se forem osentá-lo ouvirão maravilhas . . .

DANDIN - Que desespero!

. . .

CLODINA - Babeu tanto que não se pode ficar perto, o bafo do vinho já subiu até nós.

DANDIN - Sr. meu sogro, peço-vos

SR.DE V. - Retirai-vos; transcendeis a bebida.

DANDIN - Senhora, rogo-vos . . .

SRA.DE V.- Não vos aproximeis; vosso hálito encontra-se empestado.

DANDIN - Suportai que vos. . .

SR.DE V. - Retirai-vos já disse; não podemos tolerá-lo mais.

DANDIN - Permitti, por misericórdia que. . .

SRA.DE V.- Basta! Encheis meu coração de desgosto. Falci de longo, se quizerdes.

DANDIN - Muito bem. Sim. Falarci de longo. Juro que não me afastei de casa e que foi ela quem saíu.

ANGÉLICA - Aí está; não é exatamente o que vos disse?

CLODINA - Basta ver onde êle está.

SR.DE V. - Vamos, pensais enganarnos? Desce minha filha. Vem aqui.

DANDIN - Juro por Deus que estava dentro de casa e que . . .

SRA.DE V.- Calai-vos ó de um absurdo que não se pode suportar!

DANDIN - Que um raio me fulmine em seguida se. . .

SR.DE V. - Em vez de esperar que relâmpagos venham arrebentar-vos na cabeça porque não pode perdão à vossa esposa?

DANDIN - Eu, pedir perdão?

SR.DE V. - Sim, perdão e incontinente.

DANDIN - Eu?

SR.DE V. - Ráios! Mais uma réplica e vos ensinarci o que significa brincar conosco!

DANDIN - Ah George Dandin!

SR.DE V. - Vamos, venha minha filha, teu marido vai te pedir perdão.

ANGÉLICA - (Que desceu da janela e veio para fora com Clodina) Perdoar tudo o que me disse? Não, não meu pai, ó uma anulação impossível. Peço que me separe de um marido com o qual já não saberia mais viver.







CLODINA - Um pedido mais que justo.

SR.DE V. - Minha filha, tais separações não são possíveis sem grande escândalo. Deves mostrar-te mais inteligente do que êle e ter paciência ainda esta vez.

ANGÉLICA - Como ser paciente depois de tais indignidades? Não meu pai, é uma coisa que não posso consentir.

SR.DE V. - É preciso minha filha e sou eu quem ordena.

ANGÉLICA - Esta palavra me faz calar. Tendes sôbre mim poder absoluto.

CLODINA - Que filha!

ANGÉLICA - É doloroso ser obrigada a esquecer tantas injúrias, mas embora agindo contra meus próprios sentimentos, meu dever é a obediência.

CLODINA - Pobre cordeirinho.

SR.DE V. - Vem cá.

ANGÉLICA - Tenho a certeza de que o que me fareis fazer agora não servirá para nada pois veremos como amanhã tudo vai recommear.

SR.DE V. - Cuidarei que também a ordem volte. Tende bastante cuidado com a promessa que ireis fazer pois esta foi a última de vossas impertinências que pretendemos suportar. Procura agir direito. Meu genro, de joelhos.

DANDIN - De joelhos?

SR.DE V. - Sim de joelhos e sem demora.

DANDIN - (de joelhos) - Céus! Renuncio a tudo, não vejo mais remédio; quem como eu casa com mulher, ruim o melhor que pode fazer é jogar-se nágua, de cabeça, Que deverei dizer?

SR.DE V. - "Senhora rogo que me perdoe"

DANDIN - "Senhora rogo que me perdoe"

SR.DE V. - "O absurdo cometido"

DANDIN - "O absurdo cometido" (aparte) casando com ela

SR.DE V. - "Pois prometo comportamento melhor no futuro"

DANDIN - "Pois prometo comportamento melhor no futuro".